

O 'Nós' de 'A Diferença Somos Nós'?

O que nos perturba é o que podemos chamar o carácter *essencialista* da tentativa de lidar com a diferença (neste caso, portuguesa) como se a diferença fosse mais um produto do que um processo.

Numa das nossas contribuições a esta rúbrica (Março, 2003) falámos de quatro modelos de conceptualização da relação da sociedade ocidental com as diferenças. Referíamos aí o modelo etnocêntrico, em que o outro era referido como diferente devido ao seu estado de desenvolvimento (cognitivo e cultural); o modelo da tolerância em que a o outro era referenciado como diferente, mas a sua diferença era lida através de um padrão que reconhecia essa diferença como legítima (a ser tolerada); o modelo da generosidade, em que outro é identificado como diferente e essa diferença é assumida como uma construção do próprio Ocidente; e, finalmente, o modelo relacional em que outro emerge como diferente, numa relação em que 'nós também somos diferentes', dado que a diferença está na relação entre diferentes.

O que gostaríamos agora de tematizar é este 'Nós' a que o último modelo se refere. Temos ficado impressionados com a ênfase que, nos últimos tempos, os média, e os políticos, têm vindo a colocar quando falando, por exemplo, dos efeitos dos Tsunami nos 'nossos' mortos, ou quando o ministro da defesa glorifica, em tons altamente valorativos, o 'nosso' mar, ou, ainda, quando alguns guardiães da língua portuguesa falam da 'nossa' língua (e isto sem falar em algumas análises recentes que têm aparecido nos jornais, falando das 'verdadeiras' características do povo português, ou do 'povo europeu' ou, ainda, do 'povo ocidental?'). Não se trata, evidentemente, de não achar que os média, e os políticos, devem falar do que distingue os portugueses, ou os europeus, dos outros. A própria reclamação de que 'a diferença somos nós' chama atenção precisamente para o que os portugueses têm de diferente. Pelo contrário, o que nos perturba é o que podemos chamar o carácter *essencialista* da tentativa de lidar com a diferença (neste caso, portuguesa) como se a diferença fosse mais um produto do que um processo.

O que surge como central no 'modelo relacional' e na reclamação de que 'a diferença somos nós' é o carácter não-essencialista da abordagem política da diferença. Significa isso que, ao contrário da ideia da diferença como uma lista de características essenciais, não há, de facto, uma substância que, impregnando dados grupos sociais, os tornam 'aos grupos e aos indivíduos' uma diferença específica, como a 'racionalidade' para a 'humanidade?'. A afirmação da incontornável *englishness* dos ingleses e a portuguesidade dos portugueses encontra aqui o seu terreno de eleição. Elevado a uma maior dimensão, o 'Nós' ocidental seria também presa de uma essência que, embora desenvolvendo-se na história 'no princípio era a Grécia??', realizar-se-ia, actualmente, no seu eventual fim, como diz Fukuyama (ver entrevista na revista *Visão*, 13 de Janeiro de 2005), isto é, nas democracias liberais e no capitalismo como modo de produção, distribuição e consumo. Como já referimos, o que o 'modelo relacional' faz é deslocar as diferenças das 'essências' para os processos que as constituem como tal. Assim, 'ser Português' hoje não é a mesma coisa que 'ser Português' no século XIX, e 'ser Português' num futuro não muito longínquo pode implicar estar mais preocupado com os 'mortos europeus' do que com os 'nossos mortos (portugueses)?'. De facto, aquilo que 'estrutura' os indivíduos e grupos em Portugal como portugueses tem uma consistência dúctil, mais próxima de algumas formas de sedimentação do que da rigidez do betão.

Também nos parece fundamental sublinhar o carácter agonístico, conflitual, das relações reconfiguradas no âmbito do 'modelo relacional', isto é, o nosso 'nós' desenvolve-se através do conflito com os outros 'nós'. Neste sentido, assume-se como ponto de partida pensar a diferença na sua incomensurabilidade. Assim, ao assumirmos que a diferença também somos nós, é a nossa própria alteridade que se expõe na relação. O objectivo não é 'emancipar' a diferença, acabando com ela, num amplo Mesmo de igualdades que não foram negociadas, mas, ao contrário, lidar com a diferença através de um processo de negociação sem fim. O 'modelo relacional' arma-se face à sua dissolução na 'relação entre diferentes' tendo sempre em conta a história como elemento importante na narrativa identitária. A reconfiguração das identidades nos actuais contextos sociais não só não recusa esse ingrediente fundamental como afirma que os espaços de relação, onde possamos viver em conjunto, são espaços e tempos em que o conflito não surge como um obstáculo à reinvenção das comunidades, mas como o próprio terreno a partir do qual o próprio contrato social é renegociado.